



FOTOJORNALISMO E DISCURSO

Análise das coberturas fotográficas da Folha de São Paulo e da Expedição Guarycuru sobre a cidade de Melgaço-Pa¹

Renato Souza do NASCIMENTO²

Laércio Cruz ESTEVES³

Faculdade Estácio do Pará, PA

RESUMO

O trabalho visa analisar a cobertura fotográfica da cidade de Melgaço-Pa pela Folha de São Paulo e pela Expedição Guarycuru após a divulgação do ranking do IBGE sobre os municípios com pior IDH do Brasil. A partir da análise da imagem de BARTHES (1961; 1984) e da análise do discurso de CHARAUDEAU (2006), o intuito é encontrar elementos visuais dentro das composições fotojornalísticas, que possibilitem a construção de um discurso. A análise nos meios nos mostra uma cidade em visões completamente opostas. Com isso, fortalecemos o debate da fotografia como retrato da realidade, já que esta não pode ser entendida sem todos os elementos que cercam sua produção e edição.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; Melgaço; Folha de São Paulo; análise do discurso; análise da imagem.

INTRODUÇÃO

Melgaço-Pa, no ano de 2013, despontou como o pior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, com base na pesquisa do IBGE sobre saúde, educação, expectativa de renda e de vida. A partir destas informações, esta pequena cidade, situada na ilha do Marajó e banhada por rios como o Amazonas e o Anapu, começou a virar foco de várias matérias jornalísticas e de políticas públicas.

O trabalho se propõe a analisar a cobertura fotográfica da cidade de Melgaço-Pa em dois momentos diferentes. O primeiro, é uma série fotojornalística da Folha de São Paulo sobre a cidade no ano de 2013.⁴, já o segundo, versa sobre o ensaio feito na expedição Guaraycuru, organizada pela Faculdade Estácio Pará, Universidade Federal do Pará e Polícia Militar do Estado, também em 2013.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na

² Renato Nascimento é jornalista, mestre em ciências da comunicação pela USP, coordenador e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Estácio Fap. Email: renato.nascimento@estacio.br

³ Laércio Esteves é publicitário, especialista em Docência do Ensino Superior e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Estácio Fap. Email: laerciopublicidade@gmail.com.

⁴ FOLHA. Melgaço (foto cotidiano). Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/18393-melgaco> Acesso em 12 de março de 2014.



Para embasar a pesquisa, utilizamos tanto a metodologia da análise do discurso (já que a matéria da Folha trabalha textos e imagens), quanto a análise das fotografias. Para isso, metodologicamente, utilizaremos o enfoque já realizado no trabalho de PEREIRA JR (2004), que será complementado com a análise do discurso de CHARAUDEAU (2006) e ORLANDI (1994; 2007). Já na análise da imagem, utilizaremos alguns conceitos balizados nas teorias de BARTHES (1990; 1984) e JOLY (1996).

O DISCURSO SOBRE MELGAÇO

Após a publicação dos resultados acerca da pesquisa do IDH brasileiro, muitos jornais trataram de produzir matérias embasadas nos números divulgados. A cobertura adotada pela Folha se pautava nas condições degradantes que fizeram com que Melgaço alcançasse tal posição.

MELHORES E PIORES

O Atlas permite ranquear os municípios tanto em relação ao IDHM quanto às suas dimensões.

Após dez anos, as três primeiras posições da lista continuam inalteradas: em primeiro lugar está São Caetano do Sul (SP), com IDHM de 0,862. Em seguida vem Águas de São Pedro (SP), com 0,854. Depois aparece Florianópolis (SC), com 0,847 --é a capital melhor colocada.

Já as três piores são Melgaço (PA), com IDHM de 0,418, seguida de Fernando Falcão (MA), com 0,443 e Atalaia do Norte (0,450).

Dentre as Unidades da Federação, o Distrito Federal (0,824) é a primeira. Mas o caso do DF, por ter uma população pequena e com forte presença de funcionários públicos federais, é considerada uma exceção. O Estado com melhor IDHM é São Paulo (0,783), seguido por Santa Catarina (0,774).

Fonte: Folha de São Paulo⁵

No dia posterior à publicação da matéria acima, a jornalista Eliane Castanhede escreve em sua coluna que há muito o que se fazer pela educação, principalmente em Melgaço, onde metade da população não sabe ler. Ela diz: “*Enquanto houver “Melgaços” no Brasil, gritemos. Oba-oba os governantes já fazem à exaltão*”⁶.

⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Uma em cada três cidades no Brasil tem índice de desenvolvimento alto. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1318441-uma-em-cada-tres-cidades-do-brasil-tem-indice-de-desenvolvimento-alto-diz-estudo.shtml> Acesso em 11 de março de 2014.

⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. Bom, mas tem de melhorar. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/elianecastanhede/2013/07/1318751-bom-mas-tem-de-melhorar.shtml> Acesso em 11 de março de 2014.

No dia 12 de agosto de 2013, o site UOL publica uma matéria repleta de novas informações acerca do saneamento, economia e cotidiano da cidade. O texto e as imagens da matéria chamam atenção para problemas graves do município, agora sem a necessidade de estarem relacionados diretamente com os números analisados pelo IDH.

De “idílico” à “isolado”. Já no título da matéria, a percepção sobre a localidade do município é posta lado a lado com a percepção dos seus problemas e passa ser vista apenas sob uma ótica negativa.

Isolada, cidade com pior IDH do Brasil convive falta de saneamento

CAMILA CAMPANERUT
CARLOS MADEIRO
DO UOL, EM BRASÍLIA E MACEIÓ

A palavra “isolada”, podendo ser aplicada sem ônus negativo, a qualquer outro município sem acesso terrestre partindo da capital do estado, passa a despejar toda sua concepção negativa sobre os números de Melgaço:

A cidade fica isolada do resto do Estado -- para chegar a Melgaço, partindo de Belém, são necessárias pelo menos 16 horas de barco. O preço mínimo da viagem é R\$ 80 --para dormir em uma rede-- e chega a R\$ 150, caso o passageiro opte por um mini-quarto coletivo, onde ficam quatro pessoas.

A MELGAÇO DA FOLHA DE SÃO PAULO

No dia 12 de agosto de 2013, a Folha Online publica no espaço FOTO COTIDIANO uma série de imagens e textos sobre Melgaço-Pa. Este material fotográfico tentou mostrar visualmente os problemas da cidade que ocasionaram a péssima colocação do município no ranking do IBGE.

Para analisar tais imagens é necessário, primeiramente, entender que a fotografia pode, segundo BARTHES (1964 apud PEREIRA, 2004), repassar mensagens de formas denotativa e conotativa. As representações visuais facilmente visualizadas pelo receptor são conceituadas como denotativas.

A mensagem denotativa (ou literal) refere-se fundamental à dimensão analógica que caracteriza e define a fotografia. Trata-se de um nível superficial da mensagem fotográfica, responsável pela identificação dos elementos presentes na imagem. Ou seja, está ligada à percepção e ao reconhecimento, uma vez que diz respeito à capacidade que o receptor tem de identificar a cena representada. (PEREIRA JR, 2004, p. 89).

Na imagem abaixo, temos uma criança pescando em um “esgoto. A identificação da cena pelo receptor é clara. De forma denotativa, é fácil visualizar a ação e as condições da água onde o peixe está sendo pescado.



Imagem 7/51: Menino pesca em área de esgoto da cidade de Melgaço (a cerca de 300 km de Belém). Ele diz que os peixes que retira d'água fazem parte da sua alimentação cotidiana. Com uma população de quase 25 mil habitantes, o município, no Arquipélago de Marajó, tem o pior IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do país, com 0,418, figurando na faixa de cidades com muito pouco desenvolvimento

O fotojornalismo, como parte da prática jornalística, se torna elemento informativo para o público receptor. Ao assumir esta função, a imagem se constitui como instrumento tão importante quanto o texto para a disseminação da mensagem.

A função informativa (ou referencial), muitas vezes dominante na imagem, pode também ampliar-se em uma função epistêmica, proporcionando-lhe a dimensão de instrumento de conhecimento. Instrumento de conhecimento porque certamente fornece informações sobre os objetos, os lugares ou as pessoas, em forma visuais tão diversas quanto as fotografias. (JOLY, 1996, p. 60).

A informação repassada nesta série, é uma das poucas, senão a única, sobre a cidade de Melgaço, por isso mesmo, o cuidado em se tratar da maneira mais fidedigna a realidade da população.



No que tange ao texto, a mensagem é bem clara sobre as condições de vida dos moradores. “*Menino pesca em área de esgoto na cidade de Melgaço. Ele diz que os peixes que ele pesca na água fazem parte de sua alimentação cotidiana*”.

A construção deste discurso leva em consideração a descoberta de fatores sociais críticos que justifiquem o problema. No texto, a palavra “esgoto” faz referência ao lixo e dejetos jogados no local, conceito este retirado dos problemas de saneamento das grandes cidades. Ao receptor cabe, única e exclusivamente, a interpretação literal da palavra. Tal inclinação é reforçada pela última frase “alimentação cotidiana”. O termo reforça que esta não é uma situação fortuita, mas sim, contínua, vivenciada sempre pelas crianças da comunidade.

Na legenda, o que verificamos, segundo CHARAUDEAU (2006), é um recorte de uma realidade, que nos é colocada de forma estruturante, com problemas e dificuldades que fazem parte da vida dos moradores dos grandes centros, mas que não necessariamente, vão ao encontro do que é vivenciado em comunidades ribeirinhas.

Assim se opera um certo recorte do mundo social que, para cada comunidade, reúne os conhecimentos e as crenças sobre esse mundo e que as mídias se encarregam de tornar visível através de uma apresentação estruturante. Mas, ao mesmo tempo, as mídias sabem que se dirigem a um público que não é homogêneo, que pode ignorar alguns desses domínios, ou que mesmo não tendo conhecimento deles, não tenha a prática. Sendo assim, procedem a uma racionalização, de tal maneira que o público se habitua a recortar o mundo social como as mídias o fazem. (CHARAUDEAU, 2006, p. 143).

Mas na fotografia, mais do que a mensagem denotativa, a imagem pode agregar vários outros sentidos. A utilização de elementos pelo fotógrafo poderá acentuar ou minimizar determinadas situações. “*Com recursos de enquadramento, ponto de vista, luminosidade, entre outros, é possível desenvolver processos de conotação*”. No caso de pautas como a de Melgaço, é possível selecionar, enquadrar ou produzir mensagens, já que estas são matérias que têm como vantagem um maior tempo para a produção. “*Estes processos de conotação podem ocorrer em diferentes momentos da elaboração e da edição fotográficas: preparação, produção, escolha e tratamento de imagens*”. (BARTHES, 1961 apud PEREIRA JR, 2004, p. 90).

Assim, a fotografia possibilita vários processos de significação a partir da visão do fotógrafo. Estes instrumentos irão se tornar essenciais na interpretação da mensagem pelo receptor.

Podemos dividir, de acordo com Barthes, os processos de conotação em dois tipos: aqueles onde há interferência no interior da cena retratada –

aqui estão *trucagem* (manipulações de montagem de imagens), *pose* (forma de enquadrar e se posicionar diante do fotografado) e *objetos* (composição da cena com objetos que já possuem um significado mais ou menos estabelecido) – e aqueles que produzem sua significação de uma forma mais ampla – *fotogenia* (série de recursos técnicos para embelezamento da imagem), *estetismo* (produção deliberada na intenção de atribuir um valor de arte à fotografia, à maneira de outras artes, como a pintura, por exemplo) e *sintaxe* (significação que está além da imagem fotográfica isolada, mas que se estabelece na sequência de imagens) (BARTHES, 1961 apud PEREIRA JR, 2004, p. 90).

Na imagem abaixo, é retratado o dia a dia em uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Melgaço. Na composição, encontraremos alguns elementos conotativos explorados por BARTHES (1961 apud PEREIRA, 2004). O primeiro deles é a *pose*. Os alunos se colocaram de uma forma semicircular, facilitando o enquadramento. As crianças deitadas no chão estão à frente, como elementos visuais mais importantes do quadro, cercados pelos colegas em número de carteiras (*objetos*) insuficientes para todos da turma.



Crianças fazem lição deitadas no chão de sala de aula do 4º ano do ensino fundamental, na escola José Maria Rodrigues Viegas Júnior; indagada pela reportagem do UOL se faltam cadeiras, uma funcionária da escola alegou que deitados os alunos não passariam tanto calor

Já na imagem abaixo, visualizamos uma criança banhando em um dos córregos da cidade. A legenda informa “menino toma banho em área de esgoto no bairro central da cidade de Melgaço-Pa”.



Tomando emprestado a metodologia de CHARAUDEAU (2006) sobre o modo de organização do discurso da informação, o que percebemos é que a descrição elaborada na fotografia é reforçada novamente pela palavra “esgoto”, com o intuito de persuasão conseguido com a figura de uma criança em uma situação de risco.

A maneira pela qual a instância midiática procede à formulação de seu propósito, buscando as categorias que permitem, a todo sujeito falante, responder às questões de como descrever (o descritivo), como contar (o narrativo), como explicar e/ou persuadir (o argumentativo). (CHARAUDEAU, 2006, p. 150).

Independente da apuração correta do fato, a cobertura da Folha Online se pauta a partir de uma tentativa de construção de um discurso sobre a pobreza. Ela perpassa por elementos comuns aos problemas das grandes cidades, mas acaba não levando em consideração as construções culturais e a visão da população da região. “Podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”.

As situações retratadas, produzidas ou não, retiradas do discurso local, acabam perdendo sentido ou ganhando novos sentidos. “As palavras mudam de sentido segundo

as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. (ORLANDI, 2007, p. 42-43).

Na imagem abaixo, vemos outros dois recursos teorizados por BARTHES (1961 apud PEREIRA, 2004). Primeiro, a *fotogenia*, com o embelezamento da imagem a partir da luz do cair do sol; da grade, em primeiro plano; e das crianças tristes ao fundo. Já a *sintaxe*, fecha a sequência de imagens sobre a situação das crianças em Melgaço: banhando em esgotos, onde também tiram a sua alimentação; assistindo aulas deitadas no chão; e sem opções de lazer, como afirma o texto da legenda.



Sem muitas opções de lazer na cidade, meninos brincam em tradicional ponto de encontro da cidade, a "praia do Jambeiro"

Como um olhar específico sobre um fato, a fotografia terá interpretações diferentes a partir de objetivos diferentes. Como verificaremos neste artigo, tais informações referenciadas no discurso da Folha foram desconstruídas nos registros fotográficos da expedição Guarycuru.

A MELGAÇO DA EXPEDIÇÃO GUARYCARU



Entre os dias 31 de outubro de 3 de novembro de 2013, várias instituições paraenses embarcaram em um viagem a Melgaço-Pa. A expedição, nomeada de Guarycuru, era parte do Projeto de extensão Cartografias Culturais da Amazônia Paraense, coordenado pela professora Viviane Menna Barreto (Estácio FAP). Fizeram parte o Professor Historiador da UFPA, Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco especialista em cartografias com várias publicações relativas a Melgaço; Camila Miranda da Secretaria de Municípios Verdes; José Ricardo Macedo SERPRO (Programa de Inclusão Digital Região Norte); Christian Braga – Fotógrafo NINJA da Casa Fora do Eixo Amazônia para criar Narrativas em Mídias Independentes; além do poeta e arte-educador Juraci Siqueira e do prof. e fotógrafo Laércio Esteves.

As instituições foram realizar uma ação de diagnóstico para elaborar projetos que, em 2014, beneficiassem Melgaço-Pa. Como exemplo de projetos resultante destas parcerias que foram firmadas com a prefeitura de Melgaço, podemos citar o caso da SERPRO que irá ofertar um telecentro comunitário composto de 11 computadores; capacitação em software livre e escola de inclusão sócio digital via EAD. A cobertura da ação foi publicada no blog Estadão.edu de O Estado de São Paulo e nos jornais O Liberal e Diário do Pará.

Já o prof. Laércio Esteves (e sua equipe de alunos), foi especificamente produzir conteúdo fotográfico que pudesse desconstruir a imagem veiculada pela Folha de São Paulo. As fotografias fizeram parte de um ensaio fotográfico sobre Melgaço exposto na Faculdade Estácio do Pará no final de 2013.

Nas imagens a seguir, é fácil verificar que a expressão “palafita”, utilizada pejorativamente no discurso da Folha, deve ser vista além do referencial das grandes cidades, já que este tipo de habitação é, na verdade, expressão cultural das populações ribeirinhas, e necessária por conta do regime de marés dos rios da região.



Fonte: autor

As palafitas são vistas em sua beleza e simplicidade, não de forma negativa, como efeitos perversos de um mau planejamento urbano.

Outra imagem que contrasta bastante com a da série da Folha é a da Escola Municipal retratada. As escolas visitadas em Melgaço, apesar de todos os problemas das escolas públicas no Brasil, possuem uma ótima estrutura, com ônibus/lancha escolar, biblioteca, brinquedoteca, área de lazer, área verde, horta, playground e área para coleta seletiva de lixo, tudo em perfeito estado de conservação.



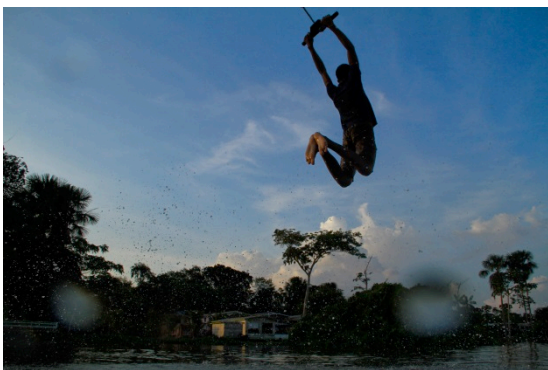
Fonte: autor

Nas imagens acima, os registros se aproximaram ao máximo possível de uma mensagem denotativa, excetuando-se a da criança ao lado da horta, para que pudessem ser visualizados todos os aparelhos da escola sem técnicas conotativas de produção fotográfica.

Na cobertura da folha de São Paulo, ao relatar sobre o lazer das crianças da cidade, a imagem mostra a tristeza de não se ter opções de lazer. A *fotogenia* foi utilizada como técnica para retratar este sentimento compartilhado pelos meninos que não tinham onde brincar ou banhavam no “esgoto” para se divertir.

Estas fotos são recortes de um momento específico, buscando causar no receptor, a partir de elementos de *trucagem* e *pose*, a sensação de que as crianças vivem em extremada situação de pobreza e sem nenhuma opção.

Quando tal discurso é construído, são apagadas marcas essenciais na constituição história e social das populações ribeirinhas. O rio, não é somente a via por onde passam os barcos, mas também elemento referencial nas manifestações artísticas e no lúdico. As águas dos rios amazônicos são espaços de festas e brincadeiras. Pode ser reducionista pensar que os aparelhos oferecidos nos parques infantis das grandes cidades sejam a única fonte de divertimento.



Fonte: autor.

As imagens acima, utilizando também da *fotogenia* e recursos estéticos, mostram a alegria dos meninos de Melgaço quando estão em seu grande parque de diversões: o rio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia repassa uma mensagem. O olhar do fotógrafo, as técnicas utilizadas e as referências do receptor podem fazer com que esta mensagem tenha várias interpretações. No caso da Folha Online nesta cobertura específica, o que percebemos é que a pauta jornalística – a de encontrar a origem do problema de Melgaço – influencia diretamente na construção deste discurso.

A partir desta premissa, a situação das construções habitacionais, fora da referência amazônica, ganha ares de problema urbano; as crianças sem parques, não teriam onde brincar, já que o rio não foi considerado como local de lazer; os córregos que atravessam a cidade se transformam em esgoto; e situações culturais em uma escola demonstram problemas no ensino.



A Melgaço da Folha de São Paulo reforça a imagem da maior parte da população brasileira sobre a Amazônia: pobre, distante e desolada. A exposição Guaycuru retrata uma outra realidade: uma Melgaço não dissociada do seu contexto histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. A mensagem fotográfica. In: **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

ESTEVES, L. **Exposição fotográfica Guaycuru**. (Exposição). Faculdade Estácio do Pará, Belém, 2013.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

ORLANDI, E. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Rev. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan/mar, 1994.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PEREIRA JR, N. **Fotojornalismo e Discurso**. O jornalismo no posicionamento discursivo de “A Tarde”. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, 2004.